

PROGRAMA CONEXÃO DE SABERES: UMA EXPERIÊNCIA EM FILOSOFIA DA PRÁXIS?

Hustana Maria Vargas (UFF)

Felipe Alves Perlingeiro (UFF)

RESUMO: Filosofia da práxis e universidade pública no Brasil têm se constituído como termos opostos. Se destacarmos um dos aspectos da filosofia da práxis, o científico-experimental, encontraremos o pressuposto da construção de conhecimentos voltados à humanização do mundo e à expansão da democracia. Na visão de Gramsci, o cientista-experimentador caracteriza-se justamente por ser um trabalhador cujo pensamento é controlado pela prática até unificá-la perfeitamente com a teoria (Semeraro, 2003). Nada disso se verifica como marca do saber-fazer universitário em nosso país, tradicional e historicamente constituído de forma elitista, dogmática e excludente.

Porém, algumas experiências isoladas têm permitido uma aproximação com aquele ideal, dentre elas o programa Conexões de Saberes. Neste trabalho buscamos avaliar tal programa a partir da perspectiva gramsciana de filosofia da práxis. Seu objetivo principal é desenvolver ações voltadas à democratização do acesso e permanência de estudantes oriundos de setores populares na educação superior pública no Brasil. Resultou da encampação de uma experiência do Observatório de Favelas no Rio de Janeiro pelo governo federal e teve sua primeira edição, como piloto, no ano de 2004. À época, envolveu cinco universidades e 75 bolsistas. Nos anos seguintes cresceu gradativamente até contar, em 2008, com 33 universidades e 2200 bolsistas.

Com particularidades em cada instituição que aderiu ao programa, ele se desenvolve envolvendo a participação de alunos de origem popular em articulação com territórios populares no sentido de buscar uma troca de saberes e fazeres, favorecendo e estimulando a presença qualificada de grupos populares no interior da universidade. O discurso oficial proclama que o programa pretende, ainda: possibilitar que os jovens universitários de origem popular desenvolvam a capacidade de produção de conhecimentos científicos e ampliem a capacidade de intervenção em seu território de origem, oferecendo apoio financeiro e metodológico para isso. Também: realizar diagnósticos e estudos continuados sobre a estrutura universitária e as demandas específicas dos estudantes de origem popular, a partir dos quais os integrantes do

projeto proponham medidas que criem condições para o maior acesso e permanência dos mesmos nas instituições de ensino superior.

Analisando o desenvolvimento do programa Conexões em várias universidades, identificamos alguns traços que parecem se coadunar com a filosofia da práxis. Destacaremos neste trabalho: a) uma revisão epistemológica sobre o conceito de saberes, problematizando a dicotomia entre saberes acadêmicos e populares. A noção de conexão implica uma crítica da própria concepção de conhecimento, de ciência, de verdade, construídos sociologicamente e distribuídos de forma fragmentada e hierarquizada, via de regra neutralizando seu potencial transformador. Este programa propiciaria, assim, uma revisão das hierarquias epistemológicas?, b) um exercício prático da avaliação formativa e participativa. No Conexões, todos os projetos devem ser avaliados pelos alunos, que os vivenciam e simultaneamente acompanham, observam e testam o desempenho do programa para aprimorá-lo. Essa avaliação tem sido de fato, formativa? e c) a configuração de um grupo de intelectuais orgânicos em potencial, no sentido daqueles que, oriundos de um meio popular, adquiriram o saber erudito sem romper suas vinculações de classe. Por esse motivo, seriam capazes de atuar como agentes efetivos de transformação social (Souza e Silva, 2006). Como essa potencialidade teria se manifestado nos conexonistas?

Assim é que este trabalho pretende ser uma leitura gramsciana do programa Conexão de saberes, buscando revelar proximidades e distanciamentos com uma desejável filosofia da práxis no ambiente universitário. A análise será realizada a partir dos relatórios que as universidades envolvidas e o governo produzem sobre o mesmo, além dos produtos do próprio programa, com ênfase sobre a realidade da Universidade Federal Fluminense.

PALAVRAS-CHAVE: Setores populares, Universidade, Conexões de Saberes.

INTRODUÇÃO

Num momento em que a universidade atravessa uma tríplice crise: de hegemonia, de legitimidade e institucional (Santos, 2004 e 2000), identificamos a presença de ações que buscam enfrentá-las, dentre elas o programa Conexões de Saberes. Este programa pode representar uma tentativa de concretização da filosofia da práxis gramsciana, entendida como uma construção própria das classes subalternas, que

se organizam, junto com seus intelectuais, para suplantar e superar a visão restrita e desumanizadora das classes elitizadas (Semeraro, 2003). Trata-se, em outras palavras, da atividade teórico-política e histórico-social de grupos que buscam desenvolver uma visão de mundo global e uma ação dentro do contexto em que vivem, com os meios que têm à disposição, visando construir uma outra sociedade (Gramsci, 1999-2002).

Em curso em várias universidades federais brasileiras, o programa tem feições distintas em cada qual. Seu principal objetivo, segundo a secretaria do MEC que o encampou, a SECAD (Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade) - é oferecer aos jovens universitários de origem popular a oportunidade de desenvolver a capacidade de produzir conhecimentos científicos, enquanto estimula simultaneamente sua reinserção na periferia, além de trazer para dentro das universidades as experiências vividas pelas comunidades carentes.

Balanços parciais sobre o programa apontam que, a despeito das especificidades de cada uma das universidades envolvidas, alguns traços seriam comuns, como: a intencionalidade explícita de ser uma experiência que pretende ir além da linguagem da denúncia e apostar na linguagem das possibilidades, e a centralidade da questão dos saberes no debate do acesso das classes populares ao ensino superior e sua permanência nesse nível de ensino (Gabriel e Moehlecke, 2007).

Consoante os objetivos desse trabalho, interessa-nos conhecer o andamento e alguns resultados desse programa no tocante a um aspecto da filosofia da práxis. Esta, por sua vez, pode ser compreendida na tripla perspectiva: científico-experimental, técnico-produtiva e histórico-política, segundo Martelli (*apud* Semeraro, 2003). Destacamos aqui a perspectiva científico-experimental, diretamente relacionada a nossas inquietações quanto à construção de conhecimentos voltados à humanização do mundo e à expansão da democracia. Na visão de Gramsci, o cientista-experimentador caracteriza-se justamente por ser um trabalhador cujo pensamento é controlado pela prática até unificá-la perfeitamente com a teoria (Semeraro, 2003). Nada disso se verifica como marca do saber-fazer universitário em nosso país, tradicional e historicamente constituído de forma elitista, dogmática e excludente.

Desta forma empreendemos uma pequena análise do programa Conexões de Saberes sob a perspectiva científico-experimental, destacando suas possibilidades quanto a: 1) uma revisão epistemológica sobre o conceito de saberes, problematizando a dicotomia entre saberes acadêmicos e populares, 2) à configuração de um grupo de

intelectuais orgânicos em potencial, no sentido daqueles que, oriundos de um meio popular, adquiriram o saber erudito sem romper suas vinculações de classe e 3) um exercício prático da avaliação formativa e participativa.

Para responder ao nosso questionamento, buscamos em primeiro lugar dados nacionais no *site* do MEC e em segundo lugar consultamos diretamente o próprio ministério, na SECAD1. Os dados nacionais oficiais são de 2008, apontando para a participação de 33 universidades e 2200 bolsistas. O governo ainda não disponibilizou informações qualitativas nacionais sobre o programa. Entretanto, realizou três seminários nacionais sobre o mesmo – em 2005, 2006 e 2009. O relatório final destes seminários, porém, ainda não foi socializado. Utilizamos também avaliações do programa realizadas individualmente por algumas instituições envolvidas, bem como a publicação “Caminhadas de universitários de origem popular” de três instituições: a UFF, a UFRJ e a UFRGS. Finalmente, entrevistamos participantes do programa na Universidade Federal Fluminense para compreender o programa em nossa instituição.

Passamos agora a discutir o programa quanto aos aspectos destacados.

ASPECTOS DA FILOSOFIA DA PRÁXIS NO PROGRAMA CONEXÕES

1 – Conectando Saberes?

Pode ser considerada a primeira e mais importante originalidade do programa, ao reconhecer a importância do debate sobre a pertinência e a necessidade de legitimação dos múltiplos saberes que se entrecruzam nas práticas cotidianas universitárias. Falar de distribuição e legitimação de conhecimento é também discutir as relações de poder que permeiam esse processo (Gabriel e Moehlecke, 2006).

Fabricados epistemológica e sociologicamente, continuam as autoras, os saberes e o conhecimento tendem a ser trabalhados de forma fragmentada e hierarquizada, fazendo com que percam sua força explicativa e interpretativa e seu potencial transformador. Dessa forma, ao assumir que o reconhecimento das especificidades dos diferentes saberes não significa nem pressupõe a afirmação de hierarquias epistemológicas e se propor a “conectar saberes”, o programa pode oferecer pistas para

1 Através do “Fale conosco”, que recebe e protocola as perguntas, permitindo acompanhamento - com o número do protocolo e uma senha - pela Internet. No dia 29/07/2010 obtivemos uma primeira resposta, que foi insatisfatória. Novamente nos dirigimos à Secretaria e desde o dia 04/08/2010 nosso questionamento está “em análise” pelo setor que chamam de “segunda instância”.

se pensar estratégias políticas, epistemológicas e pedagógicas que permitam reinventar possibilidades mais democráticas e menos dogmáticas de leitura de mundo.

Em Gramsci, recuperamos justamente a imagem integrada da sociedade e da vida pública, tendo por base uma análise dos intelectuais como os organizadores desta rede que aproxima o conhecimento local da cultura universal (Palácios, 1979).

A entrada de um novo perfil de estudante universitário, oriundo de um novo estrato social, que ao ingressar na universidade traz consigo saberes que disputam espaço e legitimidade com saberes universitários, não apenas pode interpelar a produção do saber (Santos, 2004), como também relacionar seu saber natal ao “universal” e vice-versa. O pressuposto é que esses novos atores sociais poderiam, assim, ser também protagonistas, produtores de saberes socialmente legitimados, leitores e escritores de suas próprias práticas sociais.

Porém, essa renovação epistemológica, uma das marcas do programa, não parece encontrar eco no âmbito institucional. Uma análise desse aspecto na UFRJ (Lisbôa, 2009) mostra que os discursos sobre democratização universitária² não problematizam a natureza do conhecimento acadêmico, nem tampouco da relação que o aluno estabelece ou não com esses saberes. Institucionalmente, portanto, não se pode dizer que as universidades estejam contribuindo com a subversão dos mecanismos de reprodução da ordem hegemônica.

Nesse sentido, imaginamos que o programa Conexões, ao centralizar esse tema, pode se constituir no embrião de uma discussão consistente e conseqüente sobre saber, ciência e conhecimento no interior das universidades.

2 – Constituindo Intelectuais Orgânicos?

No editorial de algumas versões do “Caminhadas”, encontramos percepções como as que seguem:

- a) “A certeza de que continuará lutando pelo que acredita, pois tem a **certeza de que já não está só**”.

² Através da investigação de documentos do Programa de Reestruturação e Expansão da UFRJ (PRE), do Plano Quinquenal de Desenvolvimento (PDI), as atas de Conselhos deliberativos da UFRJ – Conselho Universitário (CONSUNI) e do Conselho de Ensino e Graduação (CEG), e notícias veiculadas pelo *site* da Seção Sindical dos Docentes da Universidade Federal do Rio de Janeiro (ADUFRJ-SSind)

- b) “Todas as trajetórias formam em verdade uma grande e complexa caminhada, que se inicia nos setores populares da sociedade e segue rumo ao ingresso na academia. O conjunto das histórias desenhava a trajetória de **um ser coletivo, um amálgama da experiência do grupo** na árdua trilha que leva à formação no ensino superior”.

Sabemos que a experimentação concreta do conceito de coletividade aqui reportado se constitui numa das bases da filosofia da práxis, mais especificamente da atuação que gera e é gerada a partir da consciência do coletivo em sua potencialidade sócio-política. Assim é que buscamos traços mais específicos da ação dos conexionistas em seu meio, relacionados ao aspecto de uma nova intelectualidade, a orgânica.

Inicialmente podemos destacar que a volta dos conexionistas, egressos de meios populares, a esses ambientes como monitores, oficinairos e animadores representa um momento inaugural de estabelecimento de um raro diálogo entre universidade e setores populares. A perspectiva destes com relação a sua participação na Universidade é muito ruim, para não falar nenhuma.

Como espaço de diálogo o Conexões é percebido numa avaliação produzida pela UFRJ. Em parceria com o Programa Escola Aberta, universitários vão a escolas públicas ministrar oficinas que apresentam a questão dos direitos humanos como eixo transversal. Esta parceria pretende fortalecer a relação escola-comunidade-universidade com o intuito de promover a troca de experiências e estimular a participação dos segmentos representativos da comunidade. Os oficinairos são moradores da comunidade do entorno ou próxima ao bairro (Santos, 2008).

Semelhante o programa se desenvolve na UNIRIO, com a mesma percepção de que há uma barreira que exclui estudantes pobres da universidade pública. Assim, nada seria mais apropriado que eles próprios se tornarem pesquisadores voltados para esta temática, e atores políticos qualificados para propor mudanças capazes de ampliar a presença de estudantes com esse perfil no ensino superior.

O que pode haver de novo aqui é que muitos conexionistas buscam usar o saber adquirido na universidade para entender e transformar a realidade das comunidades populares em que moram. A questão essencial a se desenvolver é a da solidariedade que esses universitários estabelecem com jovens que têm a mesma origem social e a busca de soluções criativas para enfrentar a desigualdade que marca o acesso à universidade.

Pinheiro (2007) considera que desde já, está clara uma mudança significativa no perfil do mediador que encaminha as demandas dos grupos populares, já que tradicionalmente esse mediador tem sido o intelectual vindo da classe média, que busca mobilizar, no sentido também de conscientizar, as classes populares, e que tem tido um papel importante na organização comunitária.

Assim, a mudança em curso aponta a transmissão dessa herança acumulada de lutas para os jovens que têm ingressado na universidade advindos de uma realidade socioeconômica diversa. Seriam intelectuais de um novo tipo. Segundo Souza e Silva (2003), estaríamos assistindo ao surgimento de uma espécie de “intelectual orgânico”, no sentido atribuído por Gramsci (1979-2002) ao termo, isto é, como aquele que, nascido em um meio popular, adquiriu o saber erudito sem romper suas vinculações de classe e, por isso mesmo, é capaz de ser um agente importante no processo efetivo de transformação social.

Assim, no tocante a esse aspecto, as perspectivas do programa parecem ser mais promissoras, dadas as constatações e potencialidades da ação ensejadas pelo mesmo.

3 – Avaliando Formativamente?

O mesmo não se pode dizer, infelizmente, na perspectiva da avaliação formativa. Não encontramos referência, em nenhum documento, que pudesse nos trazer qualquer informação sobre o tema. Ao que parece, os processos de avaliação das práticas têm sido incipientes ou realizados à moda tradicional, não envolvendo os alunos conectionistas. Tampouco na UFF, através das entrevistas, tivemos mais sorte na questão.

O CONEXÕES NA UFF

Caracteriza-se sobretudo por uma preocupação com a permanência de estudantes oriundos do meio popular, através de um tipo de ação de ambiência e niveladora de conteúdos.

Entrevistamos duas alunas do curso de Pedagogia que estiveram ligadas ao programa no primeiro semestre de 2009. No segundo semestre houve uma interrupção e apenas agora, caminhando para o final de 2010, é que se iniciou novo processo de seleção. Chegaram ao programa através de anúncio num mural com os dizeres: "Bolsa de extensão" e passaram por uma seleção atendendo exigências como disponibilidade, cor (não há mais esse critério) e origem em escolas públicas.

Uma delas ressalta: “Pelo que ele (o coordenador) me falou na entrevista era mais isso, pra você não se enrolar. Porque não tem como a gente sobreviver num meio cheio de alunos de escolas particulares”. Tentando compreender melhor esse critério, indagamos se na percepção delas o programa teria principalmente a intenção de municiar o estudante para permanecer na universidade. A resposta foi: “Incentivar, eu acredito. Mas todo mundo acabou indo por causa da renda mesmo. A gente ia pesquisando bolsa de pesquisa, bolsa de extensão, congresso... Só que não temos conhecimento pra chegar a isso. A gente não sabe de nada. Então melhorava o nosso acesso às bolsas.”

E, efetivamente, como esse incentivo se dava? As alunas relatam que: “Pelo que a gente viu nesses seis meses, eles tentam passar conteúdos que a gente não tenha visto ou se aprofundado na escola. Acredito que é pra nivelar... É pra dar um choque de realidade na gente também. A gente vem com aquelas ilusões todas e eles dão um choque. A bolsa era destinada a alunos negros e eu entrei por acaso. Eles dão oficinas sobre questões raciais, direitos humanos... Para cada curso eles dão oficina. Tinha oficina pedagógica pra quem era da pedagogia, tinha de cálculo, pro pessoal da matemática, música... Mas de música era mais pra descontrair o pessoal... Introdução a estatística, introdução ao cálculo, cidadania e violência e psicologia, que era uma psicóloga que ficava a disposição dos alunos pra conversar”.

Preocupou-nos, assim, a possibilidade limitada do programa na UFF, aparentemente reduzida a um cunho individualista e de apoio acadêmico e psicológico. Indagamos se, na percepção delas, o retorno do programa se daria a curto, médio ou longo prazo: “é um retorno mais a curto prazo. Quando o professor ia lá dar a matéria pra gente, já aplicávamos logo. Uma semana depois a gente tinha a matéria em sala, aí os professores ficavam assim: “ué, vocês já sabem?”; e ficavam surpresos com fato e a gente participava muito das aulas. Eu acredito que foi um retorno imediato”.

Nossas suspeitas se confirmaram, ainda mais pelo relato das dificuldades práticas de operacionalização do programa. Alunos carentes – ironia das ironias - receberam a bolsa apenas em dezembro, embora tenham aumentado seus gastos para participar das oficinas e atividades ao longo do semestre. Isso parece explicar o fato de que o programa começou com 44 e terminou com apenas 15 participantes.

Finalmente, indagados sobre a existência de algum projeto de alcance *extramuros* do programa, como forma de retorno à comunidade, obtivemos a não

menos desanimadora resposta: “Eles diziam que estavam praticamente dando um treinamento pra gente participar do bolsa-escola, mas nem todo mundo aderiu. Eu fui uma delas. Tinha mais reunião do que presença na escola. Ficou um grupo, fizeram um projeto, mas a gente nunca viu em prática. Eles davam um espaço, assim, você poderia fazer um projeto e ir trabalhar no seu bairro, etc. Você poderia entrar também, caso soubesse alguma coisa, como oficinairo. Tinha uma aluna que dava aula de informática, mas como não tinha computador não aconteceu”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O programa Conexões de Saberes nos apresenta efetivo potencial como agente científico-experimental de uma filosofia da práxis. Esse potencial se efetiva mais claramente, por enquanto, no aspecto de uma integração entre a universidade e a comunidade, que passa a contar agora com novos intelectuais como mediadores.

Quanto ao possível novo espaço de discussão sobre ciência e conhecimento que uma “conexão de saberes” poderia trazer, entendemos que ainda se trata de uma promessa. E quanto ao propósito de promover avaliações formativas e continuadas aos conectionistas, não conseguimos identificar qualquer traço dessa prática nos relatos do programa que fundamentaram nossa pesquisa.

Melhor sucedido em algumas instituições que em outras, parece ainda de descontinuidade segundo os investimentos da secretaria governamental responsável pelo programa. Na UFF especificamente, deve ser acompanhado de perto para que permaneça e expanda seu escopo, bastante limitado ao nosso juízo.

Sobretudo, entendemos que o programa pode se constituir numa ponta de lança para a democratização da universidade num sentido ampliado: epistemológico, social e político, em benefício de todos.

REFERÊNCIAS

GABRIEL, C. T. & MOEHLECKE, S. Conexões de Saberes: uma outra visão sobre o ensino superior. **Revista Contemporânea de Educação**, no 2, Dez. 2006. Disponível em: <<http://www.educacao.ufrj.br/revista/indice/numero2/artigos/smoehlecke.pdf>>. Acesso em: 05 jan. 2007.

GRAMSCI, Antonio. **Cadernos do cárcere**. 6 vols. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999-2002.

_____. Os intelectuais e a organização da cultura. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978.

GRUPPI, Luciano. **Tudo começou com Maquiavel**: as concepções de Estado em Marx, Engels, Lênin e Gramsci. Porto Alegre: L&PM Editores, 1980.

LISBÔA, Evelyn dos Santos. **Sentidos de democratização dentro da UFRJ – uma leitura a partir do campo do Currículo**. Dissertação de Mestrado. Faculdade de Educação. UFRJ, 2009.

PALÁCIOS, Manoel. Ciência e vida pública. In: **Presença**. Revista de Política e Cultura. 100 anos de Gramsci. Rio de Janeiro: Centro de Pesquisas e Difusão Cultural, n 17, 1979.

PINHEIRO, Diógenes. **Universidade e comunidades populares: um diálogo necessário**. 30 reunião da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Educação. Caxambu, 2007.

SANTOS, Boaventura. S. **A universidade no século XXI – para uma reforma democrática e emancipatória da Universidade**, São Paulo: Cortez, 2004

_____. **Pela mão de Alice**. São Paulo: Cortez Editora, 2000

SANTOS, Patrícia Eliane Pereira dos. **Discursos sobre juventude e/na escola que circulam em contextos produtores de políticas de currículos**. Dissertação de Mestrado. Rio de Janeiro: UFRJ / Faculdade de Educação, 2008.

SECAD. Disponível em http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=290&Itemid=816. Acesso em 29 jul. 2010.

SEMERARO, Giovanni. **Filosofia da práxis e (neo)pragmatismo**. Revista Brasileira de Educação. Maio /Jun /Jul /Ago 2005 No 29.

SILVA, Jailson de Souza e. **Por que uns e não outros? Caminhada de jovens pobres para a universidade**. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2003.